

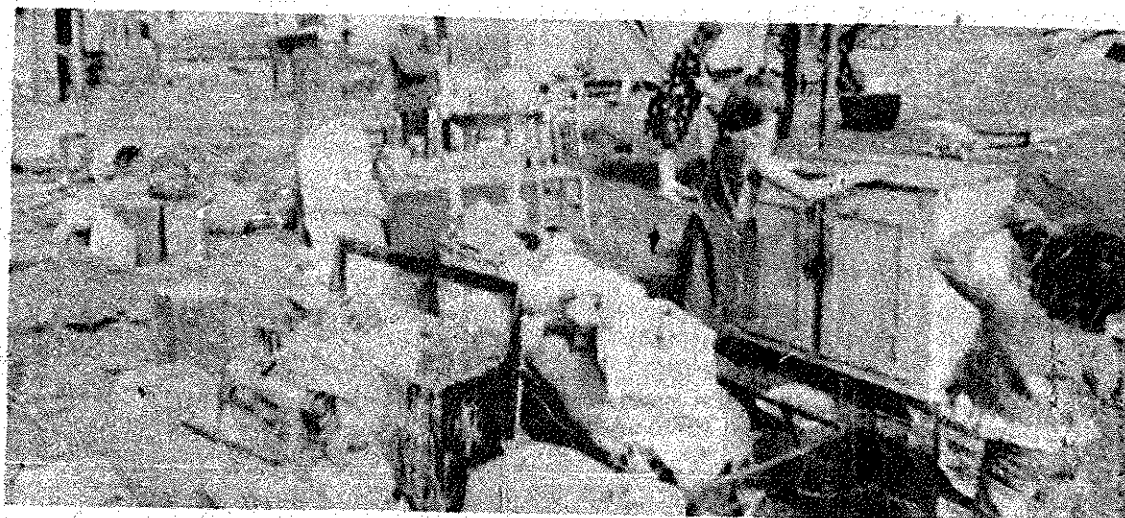
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 1005

Data: 18.05.79

Pg.: _____



Os colonos continuam acomodados a céu aberto em Taquaruçuzinho.



Soldados vigiam a entrada da reserva e os posseiros continuam se mudando.

Funai autoriza colonos a colherem safra em Nonoai

LUIZ PADOVANI
Enviado Especial

NONOAI — Os colonos expulsos da reserva indígena de Nonoai poderão retornar a partir de hoje para colher as safras que abandonaram. Essa autorização foi concedida anteontem em Santo Angelo pelo general Ismarth de Oliveira, presidente da FUNAI — Fundação Nacional do Índio — e trazida a Nonoai pelo delegado regional do órgão. Os arrendatários iniciarão a colheita hoje, seguindo um plano traçado pelas autoridades militares que se encontram na região, disposto para isso de proteção policial. O general Ismarth, esperado ontem em Nonoai, resolveu retornar de Santo Angelo a Porto Alegre.

Enquanto isso, prosseguiram ontem as ações dos Caingangues, no sentido de expulsar os remanescentes brancos da reserva. Dessa forma, mais famílias se somaram às centenas que estão ao desabrigo, sem assistência por parte dos poderes oficiais, a não ser da Prefeitura local, cujos limites orçamentários não permitem grandes gastos (ela não paga suas professoras há sete meses).

INFORMAÇÕES

Nos acampamentos de colonos expulsos, os jornalistas começaram agora — 11 dias depois das primeiras investidas dos índios — a ter suas funções invertidas: de entrevistadores, estão sendo entrevistados, nem bem chegam ao local.

Os agricultores desesperados com a falta de solução para o caso querem saber do recém-chegado se há novidades.

Ontem, por volta das 13 horas, o único rádio disponível no acampamento de Taquaruçuzinho era disputado avidamente por três dezenas de homens em busca de informação. A única notícia que ouviram sobre Nonoai, entretanto, falava de uma reunião de autoridades na Capital.

“Reunião, reunião, reunião — explodiu um deles. Só sabem fazer reunião, mas resolver nossa situação que é bom, nada. Quería ver se essas autoridades iam ficar um só dia do jeito que a gente está”.

EXPULSÃO PROSEGUE

Alguns colonos já tentaram voltar para a reserva mas se defrontaram com as barreiras policiais que só permitem as saídas na área indígena, depois que os caingangues reiniciaram o processo de expulsão dos que escaparam da primeira investida, na semana passada.

O colono Otavio de Souza Branco, que estava durante a manhã no acampamento de Taquaruçuzinho, procurando algum proprietário de trator ou caminhão que efetuasse a sua mudança, contou: “Três índios com facão me cercaram ontem (terça-feira) e mandaram eu me retirar até hoje de tarde. Ainda tive sorte porque deu pra colher o milho todo, que só falta tirar de lá junto com a mudança”.

PALIATIVO

O detalhamento da “operação colheita”, autorizada pelo presidente da Funai, recebia na tarde de ontem, os últimos retoques, no posto policial de Nonoai.

Regra geral, a “operação”, nome dado pelos técnicos à colheita, consiste em reunir grupos de aproximadamente 15 arrendatários que eram vizinhos e destacar-lhes proteção de soldados até que colham o que deixaram, pois segundo informações dos próprios colonos, cerca de 70% da safra de milho já foi colhida.

O prefeito de Nonoai, Gervásio Magri — que ontem estava em Porto Alegre para cobrar do governador os mantimentos e agasalhos prometidos desde a última sexta-feira e que ainda não chegaram —, já dissera anteriormente que a permissão da colheita apenas ajudaria a amenizar a situação. “Muita gente, depois de colher, vai abandonar os acampamentos e se arranjar em algum canto por aí” — afirmou.

Sérios problemas de saúde continuam a abalar o ânimo dos contingentes da Brigada Militar gaúcha — 260 homens deslocados de outros municípios há uma semana — que fazem o patrulhamento da região e guarnecem, fortemente armados, as barreiras colocadas em todas as entradas da reserva.

ÍNDIO SEM VOZ

A Associação Nacional de Apoio ao Índio — (ANAI) — divulgou ontem em Porto Alegre uma nota em que critica a Funai por impedir que os indígenas de Nonoai se manifestem sobre os acontecimentos ao mesmo tempo em que toma decisões sem consultá-los.

A reserva de Nonoai, de fato, está vedada totalmente aos jornalistas e o cacique Nelson Jacinto (Xangré) não sai da área, embora tenha manifestado o desejo, há alguns dias, de fazer declarações públicas.

Desalojados não desejam sair do RS

NONOAI, RS — As duas opções adiantadas até agora para resolver o problema de terra dos colonos expulsos da reserva de Nonoai, que chegaram ao conhecimento deles através do rádio, não agradaram. A primeira, admitida pelo ministro do Interior, Rangel Reis, quando esteve em Porto Alegre, seria a transferência dos desabrigados para o Mato Grosso, “onde terão dez vezes mais terras”. A outra foi a opinião do general Ismarth de Oliveira, presidente da Funai, para quem os colonos deveriam ocupar os 15.000 hectares da reserva florestal do Estado, situada ao lado da área indígena de Nonoai.

Por outro lado, os índios caingangues da reserva de Cacique Doble, 300 quilômetros ao norte de Porto Alegre, rebelaram-se na segunda-feira contra a ocupação de suas terras por colonos brancos — arrendatários da Funai —, a exemplo do que ocorre no município de Nonoai, situado 120 quilômetros a oeste.

Em Cacique Doble, os 400 indígenas da reserva passaram simplesmente a colher as plantações dos colonos, levando inclusive 200 sacas de milho estocadas. Até agora seis lavouras foram objeto da ação dos caingangues, entusiasmados com o exemplo de Nonoai e revoltados com a demora da Funai em desocupar a reserva, um processo que já dura três anos de promessas.

Na reserva estão cadastradas 60 famílias de posseiros e arrendatários, mas 20 delas já abandonaram a área ante a investida dos índios. As outras famílias se dispõem a sair, sob a condição de ser permitida a colheita de seus lotes.

“QUEIMAMOS TUDO”

Ontem, uma comissão formada pelo prefeito de Cacique Doble, Valdemar Beltrame, os comandantes da Brigada Militar local e do município vizinho, São José do Ouro, além do Juiz de Direito da Comarca, esteve na reserva (que dista 5 quilômetros da cidade) para dialogar com os caingangues. As autoridades, todavia, receberam a seguinte resposta do cacique José Caradine: “Aqui quem manda somos nós. Se tentarem impedir que os índios colham o milho, nós queimamos tudo”.

Conseguiu-se, porém, um prazo de 24 horas, no qual os caingangues deixariam os produtos armazenados em seu toldo, até que o delegado regional da Funai, que está em Nonoai, se manifeste.

Colonos podem ir para Esteio

PORTO ALEGRE (Sucursal) — O governo gaúcho decidiu abrigar provisoriamente os colonos desabrigados de Nonoai no Parque de Exposições de Esteio, até que se faça o reassentamento definitivo. Em nota oficial divulgada após uma reunião no Palácio Piratini para tratar do assunto, determinou-se que “O Incri e a Funai deverão proceder também ao levantamento dos demais posseiros naquela área indígena e oferecer-lhes a oportunidade de opção para reassentamento em glebas disponíveis”.